

Homenagem

Ao escrever a *Breve Nota de Apresentação* deste livro, dei-me conta de que cinco dos textos que submeto de novo à crítica dos leitores foram publicados na *Vértice*, alguns ainda na *Vértice* coimbrã, com sede na Rua das Fangas, a maioria deles já na *Vértice* feita em Lisboa (a mesma *Vértice*, sempre com grande qualidade, honrando o património histórico da revista), editada agora pela Página a Página, a editora que me honra publicando mais este livro meu.

Aproveito para dizer aqui que a *Vértice* foi, para mim, uma segunda Universidade (onde não havia distinção entre professores e estudantes – porque todos nos considerávamos estudantes que estávamos ali para aprender uns com os outros –, onde não havia barreiras nem tabus, onde ninguém era intocável), uma Escola importantíssima para a minha formação e até para a construção de alguma autoestima (matéria em que nunca fui muito forte).

E aproveito para recordar e homenagear aquele inesquecível colectivo de militantes, que planificavam a revista, que escreviam textos para ela, que discutiam todos os artigos apresentados para publicação (dos membros da Redacção e de colaboradores externos), que levavam os originais e as provas à tipografia, que empacotavam as revistas, que iam ao correio despachá-las para os assinantes, que pagavam a sua própria assinatura da revista que faziam.

Breve nota de apresentação

1. – Há dois projectos que gostaria de concluir antes que a minha vida chegue ao fim. Um deles – que venho adiando há quase quarenta anos – é a publicação de uma segunda edição, revista, de *Os Sistemas Económicos*. O outro é a organização de um livro que talvez possa vir a ser uma *Introdução à Economia Política*.

Creio que, para me desculpar da pouca atenção que venho dando a estes dois projectos (os anos vão pesando e o trabalho é duro...), vou inventando outras coisas, com o pretexto de que a vida não para e temos de estar atentos a ela, para tentar compreender o que se passa à nossa volta. E, realmente, a vida confirma o que disse o poeta: “Todo o mundo é composto de mudança.”

2. – Há tempos, a necessidade de ordenar o meu *curriculum vitae* permitiu-me uma visão de conjunto de textos vários que fui escrevendo ao longo dos anos, uns publicados outros inéditos. E dei-me conta de que, realmente, o mundo tinha mudado, e muito, em tão pouco tempo. Em Portugal, ao bom tempo de Abril e de Maio, o tempo da *Revolução a Caminho do Socialismo*, sucedeu este tempo inverniço da *contra-revolução conservadora e neoliberal*.

Ocorreu-me então a ideia de que talvez valesse a pena reunir em livro alguns desses textos para, através deles, testemunhar a razão de Antonio Machado quando nos ensinou que “o caminho faz-se caminhando” e a razão do grande Camões quando nos recordou “quantos enganos faz o tempo às esperanças”.

Depois de os ler em conjunto, reparei que repito, uma ou outra vez, algumas ideias e até alguns trechos. Seria inevitável que tal acontecesse, porque se trata de textos elaborados quase sempre para apoiar conferências proferidas em tempos diferentes, em locais diferentes e para públicos diferentes. Para este trabalho, aproveitei a investigação levada a cabo para escrever alguns livros que fui publicando ao longo dos últimos anos. O processamento em computador facilita a utilização de textos já escritos, poupando o tempo de escrever por outras palavras (umas vezes melhor, outras vezes pior...) o que escrito está.

Procurei evitar estas repetições. Em alguns casos consegui-o. Outras vezes entendi que não se justificava amputar os textos para as evitar, correndo o risco de os tornar menos inteligíveis. É quase certo que me escaparam outras situações deste tipo. Espero que os leitores compreendam que o meu objectivo não foi o de conseguir um livro maior e que a manutenção de alguns trechos repetidos (quando consegui detectá-los) não é fruto de desleixo e – muito menos – de falta de respeito por aqueles que me honram lendo os meus livros.

3. – O caminho que estes textos percorrem demorou quarenta anos a caminhar. Ao lê-los agora de novo, tendo como pano de fundo a História destes tempos contada pelos jornais e pelas televisões dominantes, confirmei a minha ideia de que, entre os

‘heróis’ da História cantada pelas televisões, há muitos ‘democratas’ que estiveram com o fascismo, com o colonialismo e com o *apartheid*. Há outros que, invocando a defesa da liberdade perante a ameaça de uma inventada ditadura comunista, andaram de mão dada com os bombistas da extrema direita, partilhando com eles as armas que, entre Maio de 1975 e Abril de 1977, puseram *Portugal a arder*, levando a cabo centenas de acções terroristas contra sedes do PCP e escritórios de advogados comunistas, matando mais de uma dezena de pessoas, espancando e ameaçando muitas outras (sobretudo militares e sindicalistas), colocando o País à beira de uma nova ditadura de tipo fascista (não deixarei aqui nenhum nome; os leitores podem vê-los no livro de Miguel Carvalho, *Quando Portugal Ardeu*).

Há outros ainda que fizeram tudo para denegrir e destruir a Reforma Agrária; que minaram a Constituição que o povo escreveu (ainda não conseguiram destruir os seus alicerces!); que privatizaram tudo e inventaram depois o *estado regulador* para desregular os mercados e entregá-los ao grande capital financeiro especulador; que voltaram a pôr de pé os grandes grupos monopolistas; que venderam ao capital estrangeiro as grandes empresas estratégicas que são a base da nossa soberania; que ajudaram a construir a *Europa do capital* destruindo a *Europa social*; que defendem as políticas neoliberais e a sobre-exploração dos trabalhadores (porque *não há alternativa...*).

4. – Os cronistas das televisões querem fazer-nos crer, ignorando as verdades do famoso poema de Brecht, que foram estes ‘heróis’ que construíram “a Tebas das sete portas” e que muitas vezes reconstruíram “a várias vezes destruída Babilónia”. Mas esta é, a todas as luzes, uma História falsa, deliberadamente falsificada. Porque a História, tal como a poesia, segundo Mário Dionísio – cujo centenário passa agora – “está na luta dos homens”, na luta da gente “que tem o rosto desenhado/ Por paciência e fome/ (...) esta gente/ Ignorada e pisada/ Como a pedra do chão/ E mais do que a pedra humilhada e calcada/ (...), esta gente cujo rosto/ Às vezes luminoso/ E outras vezes tosco/ Ora me lembra escravos/ Ora me lembra reis.” Esta gente – de que nos falam os versos de Sophia de Mello Breyner – não entra na História contada e cantada em tom épico pelas televisões

Mas foi esta gente “que construiu a tebas das sete portas.” Foi esta gente que lutou contra o fascismo, o colonialismo e o *apartheid*; foi esta gente que abriu o caminho aos militares de Abril; foi esta gente que fez a Reforma Agrária e a defendeu, até ao limite das suas forças; foi esta gente que escreveu nas ruas a nossa Constituição de Abril; foi

esta gente que proclamou a vontade de construir em Portugal uma “sociedade sem classes”.

Foi esta gente que pôs a direita fora do governo. É esta gente que hoje continua a defender a Constituição; é esta gente que hoje denuncia os objectivos imperiais da *Europa alemã*; é esta gente que hoje põe a nu a natureza estrutural da crise do capitalismo; é esta gente que hoje protesta contra as *políticas de austeridade*; é esta gente que hoje alerta para as ameaças à paz decorrentes das *políticas de globalização neoliberal* e do *capitalismo do crime sistémico*. É esta gente que defende, como sempre, a soberania e a independência nacional.

5. – Os textos que aqui reuni talvez ajudem a perceber isto mesmo. Eles mostram, se a vaidade não me perturba o entendimento, que o verdadeiro herói da *História da Humanidade* é o povo “que não cabe nas crónicas” (para o dizer com palavras de Torga). É este povo que constrói a democracia e que defende a democracia. Só este povo pode libertar-se e libertar-nos de todas as formas de exploração e de opressão do homem pelo homem. Porque este povo, “o do arado e do remo, (...) o que trabalha dia e noite sem esmorecer”, é o povo “que dá esperança”, o “que nunca traiu”. Eu confio neste povo (ele “nunca traiu”!) e com ele acredito que “o Alentejo esquecido” (o Alentejo da Reforma Agrária traída) “inda um dia há-de cantar”, porque “quem viu morrer Catarina não perdoa a quem matou” (quem o diz é Vicente Campinas, em versos cantados por Zeca Afonso).

6. – Francesca, a personagem (interpretada por Meryl Streep) do filme de Clint Eastwood (*As Pontes de Madison County*) diz a certa altura para Robert (Clint Eastwood): “Nós somos as escolhas que fazemos, Robert”. Pois bem. Os textos que constituem este livro representam *as escolhas que fiz* e às quais permaneço fiel. Eles são, por isso mesmo, de alguma forma, o meu retrato. Porque se “A realidade /Sempre é mais ou menos /Do que nós queremos, /Só nós somos sempre /Iguais a nós próprios”. (Ricardo Reis, *Odes*).

7. – Abusei hoje no recurso aos poetas para tentar suprir as minhas limitações literárias. Já agora, chamando mais uma vez à luta o jovem Bertold Brecht, peço aos leitores que me acompanhem na leitura de um poema seu, fazendo votos para que todos levemos a sério o grande poeta alemão: porque, como canta o Chico Buarque, “quem espera nunca alcança” e “quem sabe faz a hora, não espera acontecer” (Geraldo Vandré);

e porque, recordando um outro alemão (que foi filósofo e economista), o nosso dever agora é o de *transformar o mundo*:

*Pedimos expressamente
que não achem natural
o que sempre acontece!
Que nada seja tido por natural
neste tempo
de confusão sangrenta,
de desordem ordenada,
de arbitrariedade sistematizada,
de humanidade desumanizada,
para que nada disto
se mantenha.*

António José Avelãs Nunes
Coimbra, 30 de Maio de 2017